Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos

Dada minha leitura dos dois textos, inicio minhas considerações dizendo que finalmente entendi a ideia de negar a simples “transmissão de conhecimento” na imitação/ensino. É muito curioso como as diferentes lentes de perspectiva na análise de um fenômeno fazem completa diferença na hora de descrever e compartilhar com outras pessoas. Meu tipo de leitura tem sido científico há muito tempo e quando negam a ideia de transmissão de conhecimento, eu geralmente não entendia porque estava usando as lentes da fisiologia: “mas tudo o que captamos com nossos sensores são informações que foram transmitidas de outros organismos”.

Foi a primeira vez que eu tive a oportunidade de ler o Paulo Freire e me foi muito esclarecedor não só esse ponto de transmissão de conhecimento, mas como toda uma forma de pensar que há muito tempo não estava levando em consideração. Na verdade, durante a formação acadêmica, é muito difícil levar muitas formas de pensamento em consideração. Eu estou tentando fazer algo parecido ao conectar filosofia com neurociência na minha pesquisa, mas me parece que esse será um exercício que farei pelo resto da vida.

O texto da Rogoff foi uma excelente forma de avivar algo que já venho pensando há um tempo: não existe nada no nosso desenvolvimento sem contexto, pois somos seres completamente dependentes dele. A forma como isso não é devidamente tratado na ciência e a forma como se perdeu na educação por causa da metodologia “bancária” é muito triste. Acho que esses são os principais problemas que consigo identificar: o clássico problema do laboratório não dizer respeito da vida real de sua amostra e as grandes limitações dos educadores.

Penso que o primeiro problema passou a ser um problema quando os autores de ciências humanas começaram a notar aquilo que a Rogoff colocou em seu texto: testes de inteligência ou experimentos muito limitadores realizados no laboratório inibem ou ocultam as reais capacidades e habilidades das pessoas em seu contexto. A melhor forma de resolver esse problema seria realizar experimentos contextualizados, mas como fazer isso, considerando nossas limitações tecnológicas?

O segundo problema, na minha perspectiva é inteiramente político. A limitação dos educadores se dá a uma grade curricular impraticável + sistema de educação ultrapassado + condições precárias de trabalho. A grade curricular brasileira parece conter um volume enorme de conteúdo a ser dado que muitas vezes não será utilizado pelos alunos a não ser para fazer uma prova e isso limita completamente a liberdade do professor de dinamizar sua aula, transformando-a em um grande balde de informação a ser derramada nos alunos. Além disso, a forma como o professor é cobrado coloca-o em uma sinuca de bico porque não tem como passar todo o conteúdo de uma forma que prenda a atenção do aluno e o faça tirar boas notas. Similarmente, com uma carga enorme e com salários baixos, o professor precisa achar um equilíbrio impossível nesse contexto.

Freire escreveu: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.” Para mim, infelizmente esse é o retrato do sistema educacional atualmente: blábláblá “bancário”/mecânico e algum ativismo de algum professor que tenha alguma energia para tentar mudar o sistema.

Claro que existem escolas alternativas ao sistema tradicional do MEC que buscam dar contexto e dinamicidade para o ensino, mas essas escolas são restritas aos ricos ou inacessíveis à grande população (como algumas escolas de comunidades carentes no nordeste e norte). Dentro do sistema educacional atual, formamos alunos cada vez mais cansados e cada vez menos críticos e criativos. A formação dos professores também tem esse formato de + cansaço e – pensamento crítico, de modo que o sistema se retroalimente e se replique ao longo das gerações.

Então é isso, acho que para melhorar o sistema educacional de modo que formemos pessoas com conhecimento sólido e pensamento crítico, é fundamental haver uma grande reforma primeiramente na educação básica e ensino médio. Para isso acontecer é necessário um governo que fomente a educação e o progresso. Infelizmente, como Freire temia, chegamos a um ponto que isso é altamente idealizado e muito longe de nossa triste realidade.